

"Dar voz à criança não pode significar que ela esteja no comando", dizem psicólogas

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

As cenas são até frequentes: crianças que reinam em seus lares e alteram completamente a rotina – e o tempo de sono – dos pais, além de definir o que entra e o que sai do carrinho do supermercado ou se vai ser possível fazer a tão planejada viagem. Colocar os filhos em um pedestal – a psicanalista Marcia Neder chama isso de infantolatria – tem mostrado seus dissabores e reverses já há algum tempo. Principalmente se o assunto for limites – ou falta de limites, assim como a dificuldade com as frustrações e o desrespeito aos pais. O que teria ocorrido em nossa cultura para que as situações acima se tomassem tão conhecidas e angustiantes? A estrutura familiar se tomou mais democrática, as mulheres conquistaram direitos e, perante a lei, as crianças deixaram de ser objetos de tutela e passaram a ser sujeitos de direito. Ainda que essas transformações estejam em processo, houve muitas conquistas — e somos todos cidadãos diante do Estado. O efeito disso é uma ampliação da liberdade de fazer escolhas e ter uma vida mais criativa e satisfatória, explicam as psicólogas Lulli Milman e Julia Milman, autoras de *A vida com crianças*, lançado recentemente pela editora Zahar. Porém, há também efeitos que demandam atenção, como a sensação de desorientação na criação dos filhos e uma certa horizontalização das relações, o que abre caminho para que se deixem na mão de crianças decisões que devem caber aos pais. “As crianças precisam dos adultos para viver, física e subjetivamente”, enfatizam Lulli e Julia, que são mãe e filha. No livro, as autoras levantam questões, dão dicas e sugestões sobre assuntos variados. Todos eles têm em comum os cuidados de um adulto com as crianças: guarda compartilhada; vantagens e desvantagens de creches, avós ou babá; o tempo de uso de chupeta e mamadeira; amamentação; dormir com ou sem os pais; problemas de alimentação; bons modos à mesa; brigas; castigos; sexualidade infantil; falar de sexo com crianças; bullying e a relação com celulares e internet. Em um contexto de queixas frequentes quanto ao desrespeito dos filhos, as estratégias de educação e punição são repensadas o tempo todo, em substituição às surras e ações muito severas, bastante utilizadas no passado. Segundo as psicólogas, é esperado que a criança queira colocar seus desejos, preferências, insatisfações e resistências ao modo do adulto educar e cuidar. O problema é quando as imposições da criança representem perigo, não sejam possíveis de realizar ou destoem do planejamento do adulto. Não se pode ignorar, porém, as diversas situações em que os próprios adultos infringem as regras de convivência e as limitações (não podemos fazer tudo que queremos). É o famoso exemplo vindo dentro de casa. Se a criança testemunha os pais burlando uma regra, é natural que ela repita o que foi feito. Falta de tempo O tempo de convívio com os filhos, muitas vezes sacrificado pelos compromissos com o trabalho e por uma rotina cheia de atividades do adulto, é outro problema recorrente nas relações familiares. Muitas vezes a compensação aparece na forma de um brinquedo novo, ou de um afrouxamento nas broncas necessárias. As psicólogas são enfáticas: o tempo compartilhado não é substituído pelos presentes e não compensa a ausência dos adultos responsáveis pela criança. O novo brinquedo, até então desejadíssimo, fica desinteressante em pouco tempo. Para as autoras, a presença efetiva e afetiva do adulto é imprescindível para o desenvolvimento saudável da criança. Criar os filhos é, portanto, uma missão declaradamente difícil e longe da idealização que vemos na propaganda e nas novelas. Certamente não é automático ou sem influência do dia a dia de cada adulto. “É preciso pensar nas escolhas que fazemos, no nosso investimento [afetivo] no filho que escolhemos ter”, completam as psicólogas. Se o tempo não é problema para algumas famílias, a resistência aos programas familiares é um obstáculo para outras. Compartilhar momentos prazerosos pode ser uma solução, sugerem as autoras. É muito difícil obrigar um filho adolescente a estar junto se não forem promovidos momentos prazerosos, elas explicam. Os pais devem descobrir o que é bom fazer junto. Comer? Ver um filme? Ir à praia? “À medida que estes momentos são estabelecidos, a repetição começa a ser desejada”, demonstram. Buscar os motivos da insatisfação em estar juntos, especialmente quando há adolescentes, é importante. “É preciso ouvir os filhos sobre o que têm vontade de fazer, mas não deve deixar que a decisão fique só na mão deles”, ponderam.